

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

142

INSCRIÇÕES 581-584



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

2016

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA EPÍGRAFE DO LARGO DE SANTA CRISTINA
(Viseu)

Epígrafe funerária de granito amarelo de grão fino, que se encontra na posse do Sr. Manuel Luís, reformado administrativo da PSP, na Rua do Algeriz, lugar do Outeiro, freguesia de Ranhados, concelho e distrito de Viseu.

Segundo as palavras do proprietário, a pedra terá sido casualmente trazida para ali, em 1998, pelo empreiteiro responsável pela remoção do aterro inerente à construção do parque de estacionamento de Santa Cristina, vindo misturada com terra e muitas outras pedras; deverá, pois, indicar-se como seu local de proveniência esse Largo de Santa Cristina, em Viseu, onde se ergue a muralha romana.

Serve presentemente de base a uma mesa de granito (FIG. 1), estando parcialmente enterrada no chão calcetado, sendo apenas observáveis as primeiras 4 linhas e estando ocultas as 3 restantes, que ainda foram vistas pelo Doutor João Vaz (FIG. 2). Está em bom estado de preservação, apenas parcialmente lascada na face lateral esquerda; na face lateral direita, observa-se uma marca de *fórfex*. É patente o cuidado tido na produção do suporte, bem polido.

Dimensões: (56) x 43 x 38.

TANCINVS / CAERI F(*ilius*) / AN(*norum*) · LIII (*trium
et quinquaginta*) H(ic) / S(*itus*) · EST / ⁵ MALIQVIVS / ET
· MATERN/V^s HERED/[ES] [F(*aciendum*) C(*uraverunt*) [?]

Aqui jaz Tancino, filho de Caério, de 53 anos. Malíquio e Materno, os herdeiros, mandaram fazer.

Altura das letras: l. 1 a 4: 7,5/ 8; l. 5 a 7: 6,8.

A reutilização de que foi alvo não nos permite saber se o largo espaço que, na superfície frontal, antecede a linha 1 integrava o fuste ou se, ao invés, como se nos afigura mais lógico, era parte do capitel cuja molduração foi desbastada. O *ordinator* seguiu, grosso modo, um alinhamento à esquerda, diminuindo de linha para linha a distância em relação à aresta lateral, aspecto que não deve entender-se como receio de as letras não lhe caberem, mas, de preferência, como resultado da sua posição face ao campo a epigrafar quando procedeu ao alinhamento, ainda que o menor módulo das letras das três últimas linhas possa denunciar esse receio, assim como o uso dos nexos, mormente o de três letras – M, A, L – na l. 5. É certo também que, em largura, todo o espaço foi ocupado, colocando-se-nos, desde já, a questão da l. 4, onde havia possibilidade de se haver inscrito a fórmula *S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)*. Não avançamos essa hipótese por duas razões: primeira, não se enxergam vestígios de mais letras; segunda: o lapicida usou a pontuação após *S(itus)* e não se vê motivo para a não usar de seguida, caso não tivesse optado por escrever EST por extenso. Pode, no entanto, afirmar-se que se trata de uma paginação pensada com algum cuidado, embora a lógica sugerisse, de preferência, que a fórmula funerária final tivesse ocupado uma linha e não ser repartida por duas; decerto, houve hesitação na forma de a apresentar.

A gravação – sempre difícil num suporte de granito – foi executada com goiva, uma vez que o recorte dos caracteres é visivelmente arredondado e fundo.

Na l. 1, o T tem barra horizontal breve, como, aliás, sucede em toda a epígrafe. A está em nexo com o N, embora o esboroado da superfície apenas indicie a presença do travessão. O C é de características actuárias, a exemplo do que se observa em todo o texto. O S final, mau grado o desgaste superficial, reconstitui-se sem dúvida; a dúvida reside, porém, no N anterior, de amplo traçado, com desusada inclinação para a frente, nomeadamente se o compararmos com o N da l. 3; a possibilidade de o lapicida querer dessa sorte assinalar o nexo NV afigura-se-nos, pois, bastante plausível.

Na l. 2, todos os caracteres se lêem bem: A com travessão nítido e horizontal; E de barras horizontais e paralelas; R dando a impressão de ter sido gravado a partir de um P com a perna, oblíqua, lançada para diante; não parece ter existido ponto após o I e do F percebe-se menos distintamente a barra superior.

Na l. 3, assinale-se o N um tudo-nada desajeitado, pois que a primeira haste está oblíqua e a segunda não lhe é paralela, como seria de esperar. Nítido, o *punctus distinguens*. Hesitámos no número da idade, uma vez que o terceiro I, mais pequeno que os demais, poderia ser interpretado como um *punctus distinguens* em jeito de traço vertical. Tanto para efeitos estatísticos como epigráficos propriamente ditos considerar que *Tancinus* morreu aos 52 ou aos 53 anos não é significativo, pelo que optámos pela hipótese que se nos afigurou mais lógica.

Já nos referimos à estranha estrutura da l. 4, pelo que passamos à l. 5, que é, seguramente, a mais sugestiva de toda a epígrafe. Justifique-se, em primeiro lugar, a nossa interpretação. Cremos não sofrer contestação o triplo nexo a que já aludimos: a largura do M e o traço horizontal inferior final, no lançamento da quarta haste, ainda que o desgaste da superfície nos não permita ver qualquer barra do A, induzem-nos a ler MAL, outras vezes documentado.¹ De seguida, o I está claro, assim como as demais letras, salientando-se o Q ovalado e de mui longa cauda oblíqua, a tocar mesmo a barra superior do T da linha seguinte; ao S final sucedeu o mesmo que ao da l. 1: o desgaste que a pedra sofreu nessa aresta torna pouco perceptível o seu traçado, mas reconstitui-se sem problemas.

Na l. 6, ET perfeito, seguido de ponto. E em MATERNVS temos, de novo, o recurso a dois nexos: MA e TE. Do R vê-se o traço vertical e o N está claro, acabando a palavra na linha

¹ Obedece ao mesmo critério que o frequente nexo MAE. José Manuel Iglésias Gil e Juan Santos Yanguas apresentam os desenhos de um e de outro no seu *Vademecum para la Epigrafía y Numismática Latinas* (Santander, 2008, p. 127), mas dão a MAL a interpretação (rara) de *mula*, quando a mais normal é mesmo MAL, em nosso entender.

seguinte, onde a fractura e o facto de ter sido enterrada fez com que desaparecesse a parte inferior das letras e fiquemos também na dúvida de como a epígrafe se concluiria, o que, no entanto, não detém, para o efeito, grande significado: muito provavelmente a palavra HERED/ES (com nexu HE) teria aí a sua terminação, acompanhada da fórmula habitual, que ousámos reconstituir, por nos parecer lógico.

A epígrafe vale, pois, pela onomástica de raiz lusitana que apresenta. Certo é que *Maternus* é *cognomen* latino, mas a sua utilização em contexto indígena encontra-se sobejamente documentada.² *Tancinus* – com o seu equivalente *Tanginus* – é igualmente frequente: o referido *Atlas* registava, em 2003, quase 120 testemunhos (p. 313-316, mapa 289).

Caerius prende-nos a atenção, por só se haverem registado, até ao momento, poucos testemunhos. Compulsando a base de dados HEpOI,³ encontramos-lo tanto como *nomen* como na categoria de *cognomen* ou nome único: *Patruenus Caeri* (N.º de registo 1090, Hinojosa de Duero); *Caerius Dautonis f. Silvanus* (N.º de registo 20141, Idanha-a-Velha);⁴ *Caeria Severa* (N.º de registo 21771, Abadía, Cáceres); *Flav(u)s Caeri* (N.º de registo 30946, Palência). A estes se devem acrescentar três, referidos por Vallejo: *Caerus Triti f.* (Hinojosa de Duero), *Pintovi Caerif.* (Yecla de Yeltes) e *Siloni Caerif.*, de Palaçoulo, Miranda do Douro (este, o único fora da Lusitânia). José M. Vallejo, que, como se sabe, procurou encontrar as etimologias passíveis de explicitar o conteúdo e a origem da antroponímia da Lusitânia, afirma que, apesar de *Caerius* se documentar, como vimos, na categoria de *nomen*,

² Basta ver os mais de 30 testemunhos atestados em NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 232 (mapa 197). No balanço feito (já em 1994!) por Juan Manuel Abascal Palazón, o ‘*cognomen* de parentesco’ *Maternus* ocupava o 6º lugar entre os *cognomina* mais frequentes na Hispânia (*Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 31).

³ Acessível em <http://eda-bea.es/>

⁴ Ver também SÁ (Ana Marques de), *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007, p. 134, nº 186.

não perfilha a opinião de Juan M. Abascal, que aponta a possível origem latina do antropónimo, e prefere, por isso, relacioná-lo com um grupo linguístico de raiz cair-, uma vez que, afirma, «no tiene paralelos en Roma».⁵

Creemos que a relativa ‘abundância’ de exemplos numa área tão restrita da Lusitânia pode, na verdade, comprovar uma singularidade não depreciável; ou seja, ainda que o antropónimo seja passível de se relacionar com outros testemunhos registados noutras áreas do mundo romano, tal circunstância e o facto de estar aqui usado de acordo com os hábitos onomásticos lusitanos abonam a favor da sua filiação local. Assim, referindo-se à ocorrência de *Caerri* em Palência, Lourdes Albertos limita-se a escrever, sem mais delongas: «El mismo radical en el nombre lusitano *Caeria* (CIL II 832, Caparra)».⁶

E quais seriam essoutros testemunhos?

Solin, ao incluir *Caeria* no rol dos antropónimos gregos de Roma – com base numa *Ceria* identificada já em horizonte cristão, do século III, e certamente sugestionado pela ocorrência de *Eucaerus*, esse, sim, claramente grego –,⁷ poderia levar-nos a outro horizonte; mas trata-se de hipótese de demonstração difícil, por ausência de mais dados. A relação com a cidade etrusca de *Caere* poderia ser também aliciante; contudo, os habitantes de *Caere* aparecem designados como *Caerites* ou *Caeretani* – o que desaconselha uma aproximação etimológica.

A consulta da base de dados <http://www.manfredclauss.de/> permitiu-nos saber da menção de uma *Caeria* em Talah (*Africa Proconsularis*), num texto – EDCS-08600834 – que segue claramente as normas latinas.⁸ Poderá ainda aduzir-se

⁵ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 242, onde estabelece paralelos com antropónimos verosimilmente relacionáveis com esse mesmo radical.

⁶ ALBERTOS FIRMAT (M^a Lourdes), *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 70.

⁷ SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlim-Nova Iorque, 1982, p. 905.

⁸ Registe-se, a título de curiosidade, que *Caeria v(ixit) an(nos) XXXI*, um dos

a presença, em Putéoli, do grafito (ou marca) CAERI (com nexu AE) num *vasculum* (CIL X 8056 n° 427).

Maliquius constitui, por seu turno, um *hapax*, uma vez que não lográmos sequer identificar antropónimo que se lhe assemelhasse. Recorrendo aos livros ‘clássicos’, não se nos afigura inverosímil relacioná-lo com um radical pré-romano *Mal-*, de que fala Lourdes Albertos (o. cit., p. 145), mas que se filiaria de preferência em testemunhos «fuera de Hispania», nenhum, porém, começado por *Mali-*. De parecido poderia citar-se «o celtibérico *mailikum*» a que Vallejo faz referência fugaz, no âmbito das considerações acerca do radical *mail-* (o. c., p. 344); essa eventual relação implicaria aceitar a existência de uma metátese: *mali-* por *mail-*. Enfim, um novo antropónimo que certamente vai abrir novas perspectivas linguísticas.

Uma palavra, ainda, sobre o facto de os dois dedicantes se identificarem como *heredes*,⁹ o que denuncia já conhecimentos das regras jurídicas romanas.¹⁰

A gravação com goiva, as características paleográficas, a simplicidade do texto (omissão da consagração aos *Manes* e ausência de qualificativos), aliadas ao modo de identificação das personagens sugerem-nos uma datação até meados do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
LUÍS FILIPE COUTINHO GOMES

exemplos do que se tem dito acerca dessa preferência, nos epitáfios de África romana, por se indicar a idade com a terminação em I: «This is merely affected exactitude», sublinha I. Kajanto (*On the Problem of the Average Duration of Life in the Roman Empire*, Helsinki, 1968, p. 18).

⁹ A grafia *heredes* em vez de *haeredes* não causa admiração, pois é mui frequente escrever-se e em vez de *ae* (exemplos nomeadamente em CIL II p. 1182)

¹⁰ Cf. ENCARNAÇÃO José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013 p. 784: <http://hdl.handle.net/10316/578>



583